



A MENTE INQUIETA

A JORNADA DE UM

NEURODIVERGENTE:

DO CAOS À ENGENHARIA

ISAAC FELÍCIO DE SANTANA



Editora Criação

A MENTE INQUIETA

A JORNADA DE UM NEURODIVERGENTE:
DO CAOS À ENGENHARIA

AUTORIA

Isaac Felício de Santana

ISBN

978-85-8413-797-8

EDITORA CRIAÇÃO | CONSELHO EDITORIAL

Ana Maria de Menezes

Christina Bielinski Ramalho

Fábio Alves dos Santos

Jodeylson Islony de Lima Sobrinho

Jorge Carvalho do Nascimento

José Afonso do Nascimento

José Eduardo Franco

José Rodorval Ramalho

Justino Alves Lima

Luiz Eduardo Oliveira

Martin Hadsell do Nascimento

Rita de Cácia Santos Souza

Isaac Felício de Santana

A MENTE INQUIETA

A JORNADA DE UM

NEURODIVERGENTE:

DO CAOS À ENGENHARIA

ISAAC FELÍCIO DE SANTANA



Criação Editora
Aracaju | 2026

Copyright 2026 by Isaac Felício de Santana

Grafia atualizada segundo acordo
ortográfico da Língua Portuguesa,
em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto gráfico
Adilma Menezes

R467g Santana, Isaac Felício de
A MENTE INQUIETA - A jornada de um
neurodivergente: do caos à engenharia / Isaac Felício
de Santana. – Aracaju: Criação Editora, 2026.

55 p.

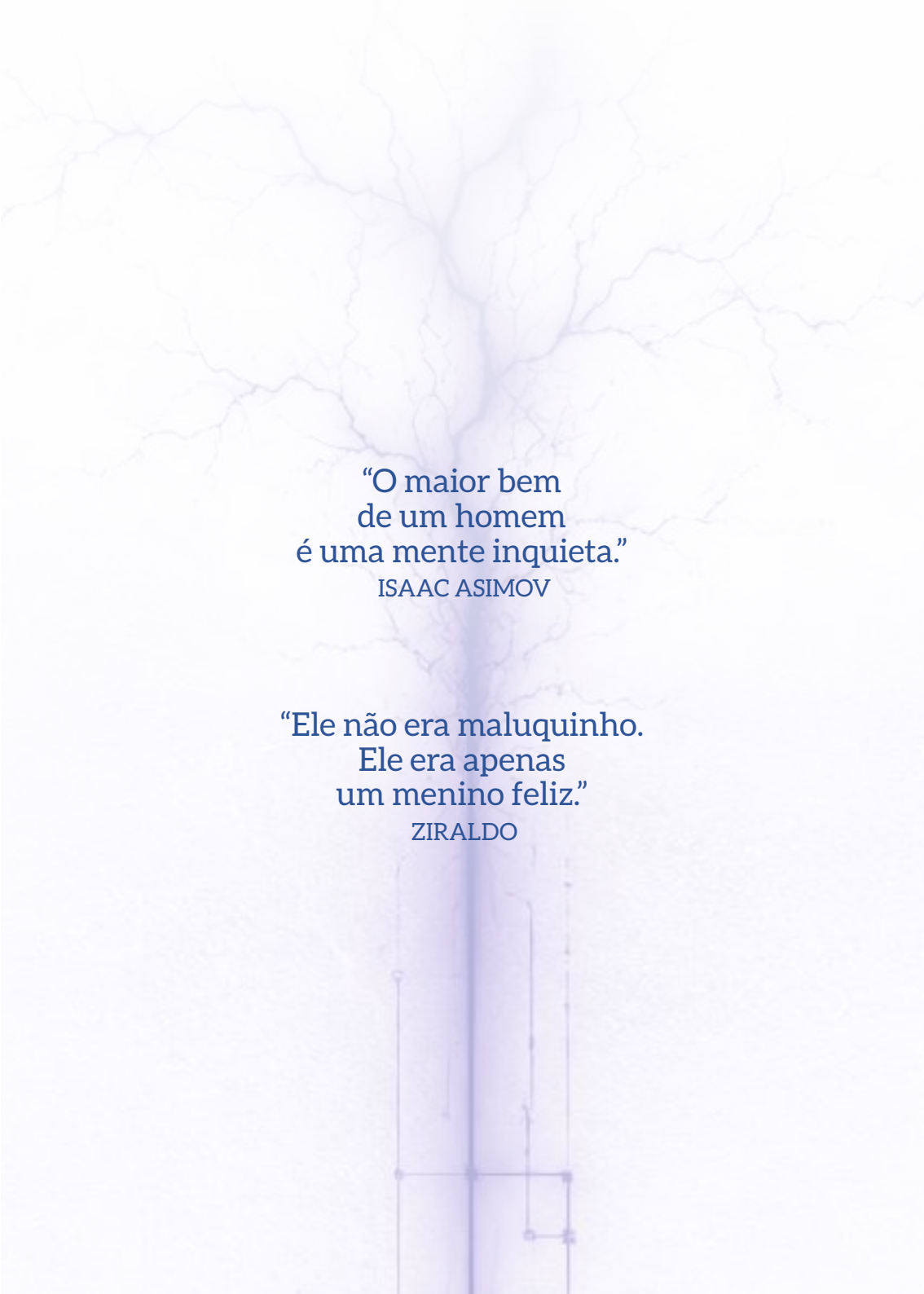
E-Book

ISBN: 978-85-8413-797-8

1.Biografia. 2. Neurodivergência. 3. Superdotação.
I. Título.

CDU: 929

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Isadora Pelosi CRB-5/2059

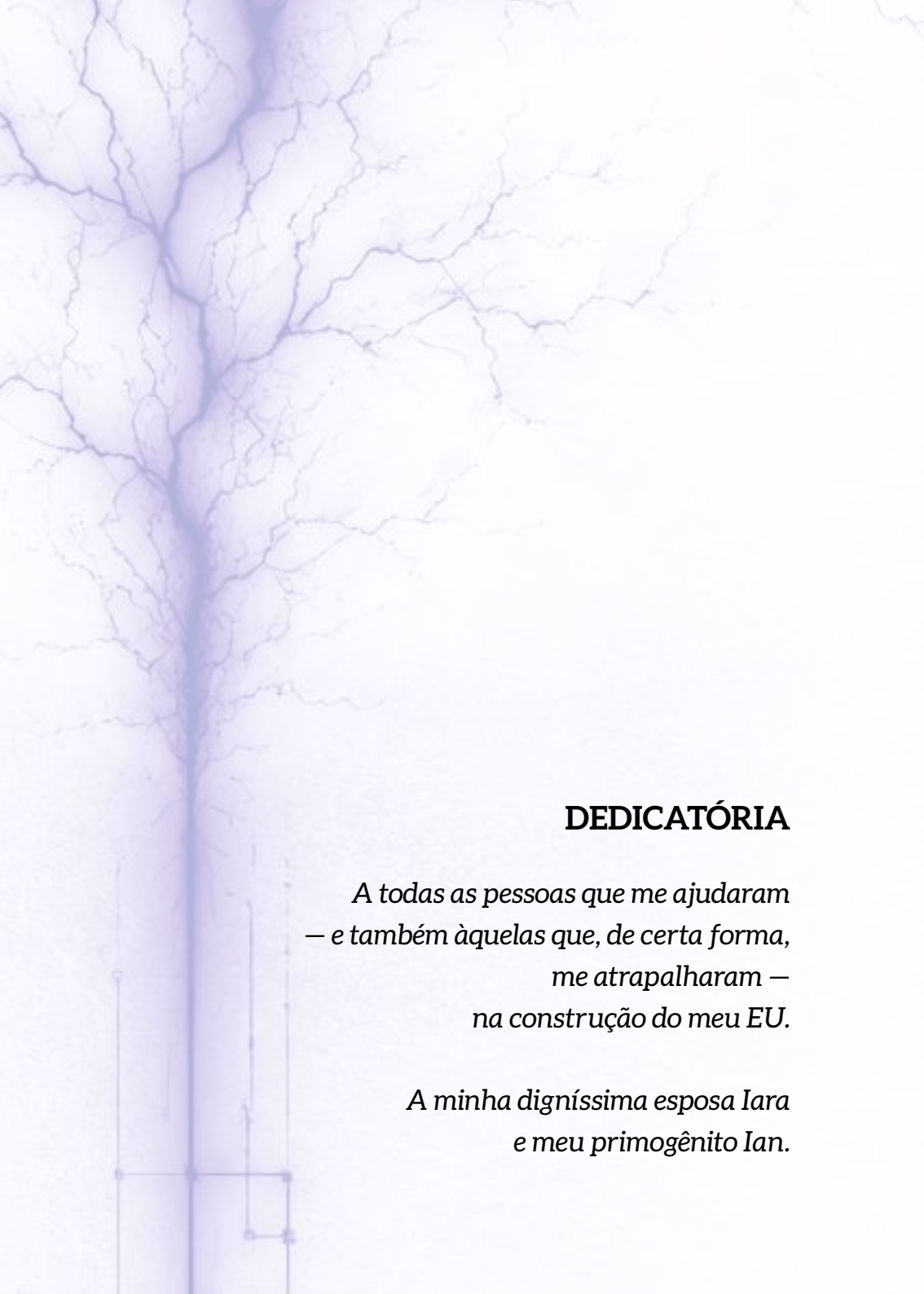


“O maior bem
de um homem
é uma mente inquieta.”

ISAAC ASIMOV

“Ele não era maluquinho.
Ele era apenas
um menino feliz.”

ZIRALDO



DEDICATÓRIA

*A todas as pessoas que me ajudaram
— e também àquelas que, de certa forma,
me atrapalharam —
na construção do meu EU.*

*A minha digníssima esposa Iara
e meu primogênito Ian.*

AGRADECIMENTOS

Não foi uma jornada fácil, mas nada se constrói sozinho. Gostaria de expressar a minha mais profunda gratidão aos que estiveram mais envolvidos na minha história.

À minha mãe, por me educar com tanta força e me dar as metáforas que guiaram a minha vida. Ao meu pai, por me podar nos momentos certos, e nos errados também. Não te culpo; hoje entendo que não é fácil conviver com uma mente neurodivergente. À minha irmã Vagna, por ser a minha companheira inseparável. Ao meu avô Josa, pela sua paciência infinita. Você foi um pedaço de Deus aqui na Terra para mim. À minha avó Rosa, por todo o cuidado e dedicação. Aos meus tios, que me ensinaram com suor o valor da lida na roça. Aos amigos de escola e, principalmente, a todos os professores que cruzaram o meu caminho. À Fazenda Mari, minha Passárgada, lá eu fui o neto do Rei! A Fazenda Mari foi muito mais do que terra; foi o palco da minha existência e o meu primeiro laboratório pessoal.

À minha digníssima esposa, Iara, que é a minha companheira de vida e quem organiza o meu caos com amor. E ao meu filho, Ian. Que você sempre saiba que tem pais de excelência, que a vida é curta e que precisamos viver cada dia como se fosse único. Foi assim que vivi a minha infância, a minha adolescência, e é assim que vivo até hoje.

PREFÁCIO

Por Jaldemir Bezerra*

“Isto é uma ordem: sê firme e corajoso. Não te atemorizes, não tenhas medo, porque o Senhor, teu Deus, está contigo em qualquer parte para onde fores.” (Josué 1,9)

“Para ser grande, sê inteiro: nada teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no mínimo que fazes.” — Ricardo Reis (Fernando Pessoa)

Esforçar-se para caber onde nunca foi pensado para você é aprender, aos poucos, a dobrar o próprio silêncio. É medir gestos, filtrar palavras, ensaiar uma naturalidade que, no fundo, nunca foi natural. É como vestir uma pele que não respira, sorrir no tempo certo, ajustar-se a ritmos que não são seus, e ainda assim continuar. Nesse movimento constante de adaptação, algo sempre escapa. Uma forma única de perceber o mundo insiste em existir, mesmo quando tudo ao redor pede encaixe, padrão, repetição. E é justamente aí que mora a tensão: entre o esforço de caber e a impossibilidade de deixar de ser. Porque há modos de existir que não foram feitos para se moldar, mas para afirmar presença. E, no fim, talvez não seja sobre aprender a caber, mas sobre sustentar aquilo que insiste em não se reduzir, mesmo quando tudo aponta para um mundo neurotípico.

O “menino maluquinho” desta obra não aprendeu a se encaixar; aprendeu a sobreviver em um mundo que funcionava e funciona em uma velocidade e forma muito diferentes da expressão dele. Carregou na pele a rigidez de um sistema educacional que enquadra mais do que liberta; reprimiu os traumas da incompreensão com tanta intensidade que o próprio corpo precisou responder. Seus eus internos marcados pela raiva, hoje compreendidos como transtorno opositor desafiador (TOD), foram contidos e disciplinados. No entanto, sua maior aprendizagem foi transformar toda a potência e energia internas em ação no mundo externo, colocando tudo o que é em tudo o que faz, como nos versos de Fernando Pessoa.

A infância de crianças como o menino maluquinho desta obra guarda muitas semelhanças: é marcada pela luta constante para serem compreendidas. Enquanto, para a maioria, a infância remete a brincadeiras, quintais e descobertas, para crianças superdotadas pode se tornar um território de desafios, dores e sofrimentos. Por isso, esta biografia não fala apenas de Isaac, o menino maluquinho, mas de todas as crianças que, no passado, no presente ou no futuro, viveram, vivem ou ainda viverão a profunda incongruência entre quem são e a obrigação de se ajustarem ao desejo e ao enquadramento dos outros.

Esta escrita é um ato de coragem porque abre portas que, por séculos, mantiveram crianças aprisionadas pela incompreensão. Crianças que, ao olharem para as nuvens, não estavam apenas distraídas: talvez calculassem a velocidade

do vento, observassem a densidade das massas gasosas e se perguntassem por que os adultos não percebiam o mundo com a mesma urgência e intensidade.

Durante anos, o diagnóstico social foi simples e reducionista: “Menino Maluquinho”. Uma expressão quase afetuosas, mas que carregava o peso da incompreensão. Afinal, a sociedade costuma empacotar o que não entende. Se uma criança demonstra uma intensidade incomum, uma curiosidade voraz que desafia o roteiro escolar tradicional e uma sensibilidade à flor da pele, o rótulo da distração ou da excentricidade é o caminho mais rápido para normalizar o que é, por natureza, fora da curva.

Assim, caber em um molde que não foi desenhado para você é um exercício de profunda violência existencial. Para a psicologia existencial, o ser humano é um projeto lançado ao mundo, desafiado a construir o seu próprio sentido a partir do nada. Martin Heidegger chamou isso de *Dasein* — o “ser-aí” —, uma existência arremessada em uma realidade que já possui regras prontas. No entanto, quando esse “ser-no-mundo” opera em uma frequência cognitiva e sensorial muito acima da média, o peso desse arremesso se torna agudo. Para o menino considerado “maluquinho” desta história, esse “ser-aí” da infância foi o início de uma longa e silenciosa batalha de confinamento.

Como explicar para o mundo que uma criança, ainda na primeira infância, é capaz de projetar e construir um carro utilizando uma estrutura de cama hospitalar? O feito, que deveria gerar admiração, virou prova de sua suposta

estranheza. Faltava o freio naquele veículo improvisado, talvez um reflexo simbólico de uma mente que já nascesse sem amarras, dotada de um cérebro que simplesmente não desligava e não sentia necessidade de parar. Como bem pontuam Jaldemir Bezerra e Maique Batista na obra *Neurodivergências*, a mente que diverge dos padrões normativos frequentemente enfrenta o isolamento não por incapacidade, mas pela pressa do entorno em rotular o que não consegue decifrar.

Este livro autobiográfico é o relato visceral de um homem que passou a vida tentando se traduzir através dos curtos-circuitos da incompreensão. A superdotação, longe de ser um mar de facilidades, revelou-se um território de solidão precoce. O leitor se impressionará com a nitidez de memórias que remontam assustadoramente aos oito meses de idade; traumas guardados em um cérebro cuja hiperconexão registra o mundo com uma precisão cirúrgica e dolorosa desde o berço; caminhadas noturnas constantes, ausência de quem o ouvisse com empatia; um corpo perdendo as defesas por não ter onde colocar tanta energia decorrente do rendimento energético do processo cognitivo; e um ambiente que não enxergava a sensibilidade, a criatividade e a ânsia poética de uma expressão neurobiológica capaz de elaborar paracosmos em segundos.

A superdotação não é um superpoder de história em quadrinhos nem o relatado pelos filmes. Quem ler estas páginas perceberá que a alta capacidade cognitiva vem acompanhada de uma hipersensibilidade artística, emocional e sensorial. O que parecia “desconexão” na infância era, no fundo, o excesso de

conexões de um cérebro que nunca desliga. O adulto que hoje conhecemos aprendeu a transformar o caos daquela mente acelerada em potência, criatividade e realização.

Navegar por esta biografia é um convite duplo. Primeiro, para reconhecer a resiliência de um homem adulto, que mesmo sem saber por que se expressava tão diferente, precisou ressignificar o próprio passado para se apossar de sua identidade. É na vida adulta que começa a reler a própria história com uma outra lente e a perceber como as características do menino maluquinho o fazem ser quem é. Segundo, para que nós, leitores, olhemos com mais atenção para os “aluados” ao nosso redor. Muitas vezes, onde o mundo enxerga falta de foco, loucura, patologia, falta de educação, mundo da lua existe apenas uma mente brilhante tentando encontrar o seu próprio norte.

A psicanálise nos ensina que o que não é elaborado pela palavra é somatizado pelo corpo. O sofrimento de não se encaixar gerou um descompasso que transbordou para o físico. O corpo, em sua exaustão, cobrou o preço de tentar silenciar o próprio brilho: alergias severas e um sistema imunológico em constante alerta tornaram-se a manifestação concreta de uma alma que implorava para ser quem era, escondida atrás de uma necessária armadura de rebeldia que precisava domar.

Lembre-mos de Clarice Lispector: “Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso. Nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro.” O biografado não cortou sua “maluquice”; ele a transformou em estrutura. Como Jean-Paul Sartre brilhantemente sentenciou: “Não importa

o que fizeram de mim, o que importa é o que eu faço com o que fizeram de mim.” O biografado escolheu a liberdade de se reinventar. “A vida só é possível reinventada, mas a vida só é possível reinventada porque a vida só é possível reinventada” (Cecília Meireles).

Mas a genialidade incompreendida encontrou o seu solo, a sua frequência certa e a sua virada de chave. Kierkegaard já afirmava que o indivíduo só se torna autêntico diante da escolha de sua própria vocação. Da engenharia lúdica da infância à semente universitária, ele não escolheu a Agronomia por acaso; encontrou na terra, nas sementes e na complexidade da natureza um espelho para a sua própria mente. E, ao se lançar no empreendedorismo, operando no ritmo de um mundo que pausa enquanto sua mente acelera, finalmente viveu o conceito heideggeriano de cura e cuidado (*Sorge*): deixou de apenas reagir ao mundo para projetar ativamente a sua própria essência. Ele transformou a antiga “maluquice” na capacidade de engenhar e aplicar. O engenheiro que hoje entende os intrincados sistemas do campo precisou, antes de tudo, aprender a decifrar a si mesmo, em especial, quando se sentiu compreendido por um diretor acadêmico numa faculdade localizada no interior, próximo da terra natal. Naquele momento percebeu ser possível ser quem é na sua maior potência.

Abaixo da armadura do cientista da terra e do homem de negócios, contudo, sempre pulsou uma sensibilidade poética e mística incrível. Como na máxima de Espinosa, a mente e o corpo são expressões da mesma substância divina; a mesma inteligência que calcula é aquela que traduz o mundo em

versos. Foi essa sensibilidade que o guiou até as metamorfoses da vida adulta e ao encontro com a sua Contadora, aquela que chamou a atenção por ter mais livros que sapatos.

O mesmo menino rebelde agora não seguia o padrão da juventude da época, mas sim o romântico extinto de séculos passados atuando no século XXI que, ao olhar com foco intenso para aquela jovem, já construiu na mente o que está vivendo hoje e usou toda a energia da mente para a conquista com cartas poéticas que faziam vibrar as cordas do coração da amada. Ele sabia desde o início por sua capacidade intuitiva que na pele daquela mulher estavam pergaminhos capazes de lê-lo como é; sabia que os livros lidos a fariam contemplar a grandeza de sua mente; sabia que o olhar perceptual dela veria a mais ínfima e potente velocidade da mente dele; sabia da capacidade dela de se perguntar sobre o segredo deste homem do sertão capaz de olhar e compreender o mundo de uma forma tão diferente. Ele acertou por ser hoje a bela esposa e companheira que compreendeu a imensidão do seu mundo interno e transformou o antigo isolamento em um porto seguro de afeto.

Agora, um novo, fértil e mais bonito capítulo se desenha: ele será pai. O salmista escreveu: “Os filhos são herança do Senhor, uma recompensa que ele dá” (Salmos 127:3). O homem que guardou as memórias dolorosas de seus próprios oito meses de idade prepara-se para segurar nos braços uma nova vida. O “menino maluquinho” que construiu um carro sem freios hoje tem as mãos firmes para conduzir uma família, oferecendo ao filho o que o mundo demorou a lhe dar: aceitação, espaço para voar e o direito de ser único.

Navegar por este manifesto de “A MENTE INQUIETA: a jornada de um neurodivergente: do caos à engenharia” é uma experiência de forte impacto emocional. Eu, que o li para prefaciá-lo, não continha as lágrimas por ver essa obra encontrar tantas crianças em sofrimento por não serem entendidas. Foi uma leitura pausada porque minha mente trazia para o meu corpo uma gama de energia tão intensa que minha voz encontrava dificuldade de ecoar, por ser rasgada pelas lágrimas cortantes da emoção. Chorei literalmente pela garganta por viver esse encontro exponencial e ter sido o privilegiado de viver essa experiência na primazia da existência da escrita e ainda o desafio de traduzi-la um pouco neste prefácio.

Não se trata apenas do registro da biografia, mas da jornada de Isaac que desafiou os diagnósticos rasos, sobreviveu à própria mente e às secas da vida para se tornar definitivamente o capitão da própria alma, colocando nestas páginas uma coragem gigante que traduz saberes e fazeres das neurodivergências cicatrizadas na pele.

Jaldemir Bezerra é Doutor e Mestre em Ciência da Propriedade Intelectual. Mestre em Ciências da Educação. Especialista em: Intervenção ABA aplicada ao Transtorno do Espectro Autista; Neurociência; Educação Inclusiva com Ênfase em Transtornos Globais de Desenvolvimento (TGD) e Altas Habilidades; Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica; Autismo; Neuropsicologia; Psicomotricidade Clínica e Relacional; TDAH; Psicanálise infantil.

Licenciado em: Letras; Pedagogia; Ciências Biológicas; Matemática; Física; Química; Filosofia; História; Geografia.

Psicanalista Clínico e Institucional com experiências no atendimento de pessoas neurodivergentes (crianças e adultos) e mentor de projetos para neurodivergências. Palestrante. Escritor de livros e artigos nas áreas da educação e da saúde com foco em processos de incluímo-nos e neurodivergências.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	8
PRÓLOGO:	17
O Tempo das Flores	
ATO I: O Menino Maluquinho	20
Capítulo 1: O Cérebro que Não Desligava	21
Capítulo 2: Curtos-Circuitos, Formigas e Letras Desenhadas	23
Capítulo 3: A Engenharia da Fazenda Mari	25
Capítulo 4: A Rota da Laranja e o Pacto com a Seca	27
ATO II: O Descompasso e a Armadura	29
Capítulo 5: O Menino Místico e a Frequência Certa	30
Capítulo 6: A Armadura da Rebeldia	33
Capítulo 7: A Oração dos Quinze Anos	35
ATO III: A Descoberta da Potência	38
Capítulo 8: O Manifesto da Mente Inquieta	39
Capítulo 9: O Mundo Pausa, a Mente Acelera	41
Capítulo 10: A Virada de Chave	43
ATO IV: Engenhar e Aplicar	45
Capítulo 11: A Semente Universitária e a Voz do Ratinho	46
Capítulo 12: A Contadora e as Metamorfoses da Abalizado	49
EPÍLOGO:	51
O Capitão da Minha Alma	



Retornada de um neurodivergente

PRÓLOGO:

O Tempo das Flores

Antas, Bahia. 19 de agosto de 2015.

O frio daquela madrugada era o único elemento capaz de esfriar o que acontecia dentro da minha cabeça. O relógio avançava, a casa dormia, mas para mim, o silêncio sempre foi ensurdecedor. Cartola, com toda a sua melancolia, cantava que as rosas não falam. Mas naquela noite, ao olhar para o meu jardim morrendo aos poucos, percebi que ele estava errado. Elas gritam. O problema é que quase ninguém sabe ouvir.

Encontrei-me perdido no meio de tantas palavras, focando meu olhar no epicentro das tonalidades e curvas daquelas flores no escuro. Posso até estar beirando a loucura, pensei. Geralmente é na madrugada, quando as sombras do mundo engolem a rotina, que a inspiração me assalta sem pedir licença. A tecnologia, com suas luzes e respostas rápidas, vinha desviando meu agir, me transformando em um jardineiro infiel da minha própria história. Há um encanto perigoso resguardado no silêncio. Nem sempre a vida fala; às vezes, ela apenas observa, esperando para ver o que você fará com o tempo que lhe foi dado. Tempo da Semente. Tempo da Palavra. Tempo dos Frutos. Tempo da Colheita.

A ansiedade de escrever um livro me devorava por dentro. Mas uma voz invisível me alertava: antes do livro, a vida!

Às vezes, a sensação de ser um estrangeiro no próprio corpo é esmagadora. Será que sou normal? Por que tantas perguntas quando o mundo parece tão satisfeito com as respostas fáceis? Escrevo porque as palavras são a única âncora que impede a minha mente de flutuar para longe de mim. Deus, em Seus mistérios e silêncios, fala mais do que tudo. Mas eu ainda precisava descobrir como traduzir a Sua voz. E a resposta para isso não estava no futuro, mas em um menino de voltagem altíssima que, anos antes, tentava desesperadamente entender o mundo.

ATO I:

O Menino Maluquinho

CAPÍTULO 1

O Cérebro que Não Desligava

A casa mergulhava no silêncio denso das noites baianas, mas para mim, a escuridão era o início de uma sinfonia caótica. Enquanto o mundo ao meu redor finalmente parava para descansar, a linha de largada era traçada no exato instante em que minha cabeça tocava o travesseiro.

Meu quarto precisava ser um santuário de privação sensorial. Os lençóis e as cobertas que me envolviam eram de um branco clínico, absoluto. Qualquer estampa, um simples bordado colorido ou um padrão geométrico no tecido, transformava-se em um ruído visual insuportável, arranhando a minha mente até estilhaçar a pouca paz que eu tentava reunir. Para abafar o zumbido constante das minhas próprias sinapses, o rádio precisava estar ligado, tocando em um volume milimetricamente ajustado — baixo o suficiente para não acordar a casa, mas alto o bastante para criar uma parede acústica contra mim mesmo. Embalado por esse som, meus pés balançavam ritmicamente sobre o colchão, numa tentativa física de dissipar a corrente de energia que se recusava a cessar.

Quando o sono finalmente me vencia, a trégua era uma ilusão. O meu cérebro não dormia; ele projetava. As engrenagens invisíveis giravam em altíssima velocidade. Eu desenhava máquinas, arquitetava cenários, resolvia problemas

lógicos. Era um fervilhar tão intenso que, com frequência, eu acordava de sobressalto no meio da madrugada, o coração esmurrando as costelas. Tateava o escuro em busca do meu caderno e rabiscava freneticamente, apavorado com a ideia de que a luz do sol apagasse a minha lucidez.

O preço dessa hiperatividade noturna era cobrado pela manhã. Ao abrir os olhos e ser banhado pela claridade do dia, a frustração me invadia com um gosto amargo. Eu já havia executado tudo aquilo na minha mente. Sentia o peso do cansaço de quem trabalhou a noite inteira, mas o choque de realidade era cruel: o mundo físico continuava intocado.

A energia que transbordava começou a não caber na minha cama de solteiro. Passei a perambular pela casa em estado de sonambulismo. Um pequeno fantasma vagando pelos corredores, abrindo torneiras, tateando as paredes do sertão, até ser conduzido de volta ao quarto pelas mãos gentis da minha mãe. Trocaram a minha cama por uma de casal. Achavam que eu precisava de mais espaço para o corpo. Mal sabiam eles que o espaço que eu exigia era para a minha mente — e logo, as paredes daquela casa seriam pequenas demais para me conter.

CAPÍTULO 2

Curtos-Circuitos, Formigas e Letras Desenhadas

A paciência é uma virtude necessária para criar qualquer criança, mas sobreviver aos meus primeiros anos de vida exigia, acima de tudo, equipamento de proteção individual.

O meu batismo no caos não foi com água, mas com eletricidade. Eu tinha apenas um ano e dois meses. Engatinhava pela casa quando meus olhos fixaram-se na tomada da roça. O perigo não me causou repulsa; causou curiosidade magnética. Armado com uma agulha de crochê, desafiei a rede de 220 volts. O estalo seco cortou o ar, e o impacto me arremessou longe, com uma violência que faria qualquer criança normal chorar e abominar fios pelo resto da vida. Eu sobrevivi, mas tenho para mim que, naquele milissegundo de clarão, a corrente elétrica selou um pacto definitivo com o meu sistema nervoso central. A partir dali eu operaria na mesma voltagem.

Quem me visse no alto de um reservatório de água, construindo abrigos a metros do chão enquanto meu pai, resignado, amarrava a escada por saber que seria inútil me mandar descer, enxergaria apenas um garoto selvagem. Mas sob essa casca hiperativa, pulsava uma sensibilidade em carne viva. Eu não pisava nas formigas; debruçava-me no chão de terra para oferecer açúcar a elas. Aos oito anos,

arranquei o próprio chinelo dos pés para calçar um garoto descalço na rua. O mundo físico, bruto e perigoso, era o meu domínio absoluto. O meu verdadeiro campo minado tinha margens e linhas pautadas.

O caderno escolar era um instrumento de tortura. A minha leitura era voraz, eu devorava páginas numa velocidade assustadora, mas quando chegava a hora de escrever, a minha biologia me traía. O pensamento corria a cem por hora, e a minha mão se arrastava a dez. A dor física nos tendões dos dedos era o pedágio que o meu corpo cobrava por tentar frear a minha mente.

A caligrafia, que antes era desenhada com cuidado, virava um caos de letras engolidas e sílabas atropeladas. Quando a caneta escorregava e a tinta manchava a folha, o desespero batia. Eu me recusava a arrancar a página. O erro não podia ser apagado, precisava ser camuflado. Com a respiração curta, eu transformava a mancha torta na roda de um carro, na crina de um cavalo, numa bola. O caderno virava um enigma ilustrado, um diário de bordo de uma mente em curto-circuito. Enquanto o professor suspirava e me rotulava de preguiçoso, eu lutava sozinho contra uma tempestade que ninguém mais conseguia ver.

CAPÍTULO 3

A Engenharia da Fazenda Mari

Niam era um mecânico forjado na paciência, mas a minha curiosidade era um maçarico apontado direto para o juízo dele. Na oficina com cheiro forte de graxa e óleo queimado, ele frequentemente soltava a ferramenta, limpava as mãos estopadas, coçava a cabeça e me expulsava com um suspiro derrotado. “Vá lá pra casa... esse menino pergunta demais!”. Foi ele quem, num lapso brilhante de diagnóstico popular, me batizou oficialmente: eu era o Menino Maluquinho.

O título não veio de graça. Aos quatro anos, eu já desmontava e remontava bicicletas de quadro articulado. Enquanto meu pai suava na roça, eu cortava as madeiras que ele havia comprado e erguia uma mesa inteira sozinho. Mas a Fazenda Mari merecia um feito maior. O meu laboratório particular exigia um projeto de engenharia à altura da minha inquietude.

Decidi construir um carro. Encontrei a carcaça de uma velha cama de hospital enferrujada, deveria ser da minha bisavó, decidi que aquele seria o chassi. As guias de uma plantadeira foram improvisadas como direção. O eixo traseiro nasceu de bengalas de moto que eu mesmo soldei escondido na casa do meu primo Marcones, ignorando as faíscas incandescentes que saltavam perigosamente contra os meus olhos. Preguei uma tábua bruta como banco e calcei a

engenhoca com pneus de carrinho de mão. Faltava apenas o coração da máquina. Resgatei um motor estacionário de puxar água na casa de Dindinha, limpei o carburador, alinhei as polias e dei a partida.

O ronco mecânico rasgou o silêncio do sertão. Aloquei meus primos no banco de trás e acelerei. O vento batia no rosto, a poeira subia, mas a glória foi efêmera. A velocidade extrema revelou a única falha de projeto que o meu cérebro havia ignorado: freios. O volante improvisado cedeu nas minhas mãos e a cama de hospital motorizada voou como um projétil direto contra a cerca de Tio Joel.

O olhar calmo do meu avô Josa acompanhava toda aquela loucura de longe. Ele, nascido em 1916, e seu irmão Firmo, nascido no ano seguinte, em 1917, eram filhos da primeira esposa, carregando no sangue e nas mãos a resiliência dura de quem sabe o tempo exato das coisas. Era o extremo oposto da minha pressa. Com a sabedoria silenciosa dos antigos, meu avô caminhou até os destroços e confiscou o motor.

Achei que o sonho havia acabado, mas a proibição foi apenas um redirecionamento de rota. Peguei a peiteira emprestada com o tio Pedro, amarrei a cama de hospital no jegue da fazenda e apostei na tração animal. Na primeira ladeira abaixo, a gravidade fez o seu trabalho. O peso da cama atropelou o pobre animal, embolando menino, madeira, ferro e jegue contra o tronco de uma catingueira. A cama de hospital encerrou sua carreira gloriosa virando churrasqueira, e a física provou, momentaneamente, que ainda mandava em mim.

CAPÍTULO 4

A Rota da Laranja e o Pacto com a Seca

Hoje soa como lenda no meio das conversas, mas aos sete anos de idade eu já havia decifrado a lei universal do mercado: una a sua necessidade a um desejo alheio, e o negócio estará feito.

Meu pai era o guardião de um pequeno oásis. Um sítio abençoado com cerca de trezentos pés de citrus vibrantes, carregados de laranjas Bahia, pera, limões galegos e tangerinas. Ele detinha o produto, mas eu tinha uma bicicleta e uma fome desesperada por liberdade. Como as regras dentro de casa eram rígidas quanto ao horário de voltar da rua, enxerguei naquelas laranjas o meu alvará de soltura. Ofereci-me para assumir a logística das entregas porta a porta.

O esquema funcionou com uma precisão assustadora, e passei a receber um salário semanal. Sentir o peso daquele dinheiro no bolso me inebriou com o gosto da independência. O garoto das invenções caóticas vestiu a pele de um gerente implacável. Comprei um caderno específico, mapeei as rotas dos clientes e controlei o fluxo das sacolas. Assim que meu pai cruzava a porteira com a carga colhida, eu já estava com os pés nos pedais. O meu poder de persuasão era magnético. Com uma lábia de vendedor veterano, eu era capaz de convencer vizinhos que tinham laranjeiras abarrotadas no próprio quintal a comprarem as minhas frutas.

Tudo parecia girar em um eixo perfeito de prosperidade infantil. Mas o sertão exige respeito e, de tempos em tempos, cobra seus tributos.

O ano era 2012. O céu fechou as torneiras e a chuva sumiu. A grande seca varreu a terra como um maçarico invisível. Sem sistema de irrigação, a pouca água que o chão ainda guardava precisou ser disputada a cada gota para não deixar o gado morrer de sede. Assisti, impotente, a cor viva do nosso pomar desbotar para um cinza doentio. O verde murchou, as folhas secaram e caíram, até que, dos trezentos pés frondosos, restaram apenas três árvores de pé. Esqueletos de madeira teimosa, lembrando o que um dia tínhamos sido.

A terra secou, e o meu primeiro negócio secou com ela. A bicicleta parou. A infância das invenções inconsequentes e das laranjas doces estava se partindo sob o calor rachado do chão baiano. A pior seca, no entanto, ainda estava por vir. Ela não atingiria o solo, mas invadiria a minha vida, obrigando a minha mente acelerada a forjar uma armadura espessa para sobreviver aos anos sombrios que se aproximavam.



ATO II:

O Descompasso e a Armadura

CAPÍTULO 5

O Menino Místico e a Frequência Certa

O mundo físico, com suas regras rígidas e chãos de terra batida, tornou-se pequeno demais para conter o que se passava dentro de mim. Enquanto os adultos da família lidavam com a aspereza do clima e a dureza da lida diária, a minha mente começou a decifrar uma linguagem invisível. Eu criei uma sala de controle inacessível aos outros: um amigo imaginário. Para quem olhava de fora, era apenas uma fase solitária da infância; para mim, era o único conselheiro que não revirava os olhos diante das minhas perguntas intermináveis.

A minha sensibilidade operava em carne viva. Lembro-me perfeitamente do fim de uma tarde na Fazenda Mari. O céu ardia em um incêndio de tons alaranjados e vermelhos, engolindo o sol lentamente no horizonte. Parei. Meus olhos fixaram-se naquela imensidão, capturando uma frequência que ninguém mais parecia notar. Com a certeza absoluta e inabalável que só os loucos e os profetas possuem, estiquei o braço, apontei o dedo indicador para o alto e anunciei à minha mãe: *“Jesus vai voltar... Jesus vai voltar.”* Havia um misticismo latente fervendo nas minhas veias, um desejo desesperado por algo maior que organizasse o meu caos.

Mas para não enlouquecer com o silêncio terreno que me torturava, eu precisei inventar uma parede de isolamen-

to. Descobri o meu antídoto na era das fitas cassete e dos CDs.

O meu quarto transformou-se num laboratório sonoro. Eu ligava o aparelho 3 em 1 (e, mais tarde, o Discman e o MP3) no volume máximo. A trilha sonora era um choque de mundos: a irreverência dos Mamonas Assassinas misturava-se à poesia da Legião Urbana, Raul Seixas, Zé Ramalho e Fagner. O reggae de Edson Gomes batia pesado nas paredes, abrindo espaço para os hinos serenos do Padre Zezinho. Mas era quando os modões sertanejos entravam que a mágica acontecia. Eu escutava *O Rei do Café* e *a vaca foi para o brejo* de Tião Carreiro e Pardinho, repetidas vezes, fascinado. Millionário & José Rico me deixaram um zum bem forte...

Para os professores e para a minha família, aquele volume ensurdecedor era o atestado definitivo de que eu vivia no mundo da lua. Como um garoto conseguiria se concentrar nos números ou no passado com a banda Violão de Ouro estourando nas caixas de som? Era uma verdadeira orquestra de distrações: o sopro dos trompetes e trombones, o ting-ting ritmado do triângulo, a marcação grave do tom-tom-tom do baixo, as notas soltas do violão o choro inconfundível do sax e, amarrando a melodia da seresta, a presença essencial do teclado. O que eles não compreendiam era a biologia da minha mente. A música não era uma distração. Era a minha frequência.

O barulho externo preenchia o lado caótico e hiperativo do meu cérebro, ocupando o “ruído” interno. Só então, com a

agitação anestesiada pelos graves e agudos, o meu foco verdadeiro era liberado. Foi embalado por essa cacofonia genial que as minhas mãos aprenderam a domar a velha máquina de datilografia da minha irmã Vagna. O som metálico das teclas batendo com força no papel disputava espaço com a música, criando a trilha sonora perfeita de uma mente operando na sua capacidade máxima. Eu havia encontrado um método para sobreviver. Mas a vida real, espreitando do lado de fora, estava prestes a quebrar o meu rádio.

CAPÍTULO 6

A Armadura da Rebeldia

A genialidade tem um preço alto, e basta olhar para a árvore genealógica da minha família para perceber que eu não seria o único a pagar a conta. A neurodivergência corria no nosso sangue como um rio subterrâneo, silencioso e turbulento. Meus tios, Pedro e Assis (Lopó), meus primos Marquinhos, Degival, Paulo César, e meu melhor amigo Márcio... todos nós carregávamos as marcas inconfundíveis de mentes que se recusavam a operar no padrão normativo. Éramos uma tribo invisível de desajustados.

Mas entender a minha biologia não me blindou contra a maldade humana. Há memórias que a biologia tenta apagar para nos proteger, mas o meu cérebro hiper conectado guardou tudo, desde o berço. Eu tinha apenas sete ou oito meses de idade quando sofri um trauma que deixou uma cicatriz invisível. Mais tarde, um novo abuso operou a metamorfose final na minha alma.

Foi a minha irmã Vagna, companheira inseparável e testemunha ocular da minha destruição, quem resumiu a tragédia em três palavras cruéis e cirúrgicas: *“Ele ficou bruto”*. Aquele menino doce, que oferecia açúcar às formigas e entregava o próprio calçado para proteger os pés de um estranho, foi enterrado vivo. Em seu lugar, ergueu-se uma fortaleza cercada de arame farpado. A lógica era brutalmente

simples: se o mundo iria me machucar, eu atacaria primeiro. A minha adolescência, dos 13 aos 18 anos, foi um incêndio florestal incontrollável. Eu passei a viver com uma urgência maníaca, devorando as horas como se o meu oxigênio estivesse no fim. Queria cobrir a pele de tatuagens, estilhaçava as regras e sentia uma fúria rasgando o meu peito o tempo todo. Eu não era apenas um garoto mal-educado; eu era um menino ferido testando até onde ia o amor das pessoas. Num desespero mudo e raivoso, eu punia a minha mãe para ver se ela ainda seria capaz de me amar na minha pior versão. Cheguei a encará-la, com os olhos injetados de raiva, e disparar o meu veneno: *“Se não quiser me ver assim, me compre amigos!”*

Procurando desesperadamente por uma âncora que paras-se o meu barco à deriva, cheguei a bater nas portas da Igreja Adventista. Eu queria disciplina. Queria que algo externo organizasse a bagunça que me consumia por dentro. Mas quando encarei a realidade da doutrina, as paredes estreitas, as regras inflexíveis e a liturgia silenciosa... a minha mente, acostumada à liberdade selvagem, entrou em curto-circuito. Eu fugi. Corri de volta para as origens, para o caos. Mas fugir não estancou a dor; apenas a canalizou para o único lugar que não podia escapar de mim: o meu próprio corpo.

CAPÍTULO 7

A Oração dos Quinze Anos

A guerra constante entre a velocidade da minha mente e o peso da minha rebeldia cobrou o seu pedágio mais cedo do que qualquer médico poderia prever. O esgotamento não era mais apenas psicológico; o meu maquinário biológico começou a falhar.

O primeiro grande golpe veio aos 14 anos. O motor acelerado simplesmente travou. Uma pressão esmagadora no peito. Faltou ar. A dor foi tão fulminante que defequei e urinei ali mesmo, diante das minhas primas Suzana e Ângela. Num instinto cego, levantei da rede. Caminhei cambaleante pelo corredor até a rua, apenas para ver minha mãe chegando, transtornada de desespero. Alguém nos enfiou dentro de um carro. A partir dali, tudo é um fragmento: o motor acelerando, eu deitado no colo da minha mãe, a praça ficando para trás. Quando meus olhos finalmente alcançaram a fachada do hospital, o mundo inteiro apagou.

Um infarto. Uma parada cardiorrespiratória em plena adolescência. O meu coração, sobrecarregado pela urgência de viver dez anos em um único dia, parou de bater. Fui empurrado para a borda do abismo e, por um milagre que a medicina mal consegue explicar, fui puxado de volta. Recebi um *reset*. Um choque violento da vida me mandando reiniciar.

Mas o meu sistema imunológico já estava em colapso. Ao chegar aos 15 anos, as noites que antes eram dedicadas a projetar carros e engenhocas transformaram-se em madrugadas de agonia. Alergias severas devoravam a minha pele e me roubavam o fôlego. O hospital tornou-se a minha segunda casa. As luzes brancas da emergência e o cheiro de antisséptico substituíram a terra da Fazenda Mari.

Foi no meio dessa escuridão, sentado em uma cama de hospital, sentindo que a minha armadura havia derretido e que eu não suportaria ver mais um amanhecer, que puxei papel e caneta. A minha mente, exausta de lutar, ditou a minha segunda carta para Deus. Não era um projeto de engenharia, nem uma manifestação de rebeldia. Era o grito de rendição de um prisioneiro de si mesmo.

Sob a luz fria do quarto, eu clamei pelas palavras de 1 Coríntios 13. Lutei contra a minha arrogância, repudiei a minha impaciência e confessei a minha gula por engolir a vida. Escrevi, com a mão trêmula e o coração partido: *“Querido Deus... eu só quero ser normal como as outras crianças. Quero brincar, comer acerola no quintal, quero poder dormir na casa do meu avô Josa sem ter que ser arrancado no meio da noite para voltar a este hospital...”*

Aos 15 anos, eu confessei ao Universo que tinha medo de mim mesmo. E, num ato de entrega absoluta, declarei que se Ele quisesse me levar naquela noite, eu iria em paz. Eu já não tinha forças para ser o capitão do barco.

Mas a resposta dos céus não veio em forma de morte. Veio no formato de um milagre silencioso. Muitos apostaram que eu não iria vencer, que as lesões, os arranhões e a minha própria intensidade iriam me engolir antes de eu chegar à vida adulta. Mas eu acordei no dia seguinte. E no outro. E no outro.

Eu sobrevivi. Deixei o hospital para trás com uma nova batida no peito. Se eu ia continuar neste mundo, as regras do jogo teriam que mudar. Eu não seria mais vítima do descompasso. Eu mesmo desenharia a planta do meu próprio campo de batalha.

ATO III:

A Descoberta da Potência

CAPÍTULO 8

O Manifesto da Mente Inquieta

O calendário marcava 1º de setembro de 2016. Eu já não era o menino das laranjas tentando despistar a seca. Eu havia cruzado os portões da Universidade Federal de Sergipe (UFS) carregando o título de representante dos discentes da Engenharia Agrícola. Fazia parte do Laboratório de Topografia e de Geotecnologias. Olhando de fora, parecia que eu havia vencido. A realidade dos corredores acadêmicos, porém, revelou-se uma prisão disfarçada de diploma.

O sistema era viciado, denso e terrivelmente adoecedor. Máquinas de última geração acumulavam poeira, laboratórios agonizavam por reestruturação, e sempre que a minha mente acelerada propunha a execução de projetos práticos e reais, eu era imediatamente engolido pelo que passei a chamar de “papo político”. As reuniões de departamento eram novelas previsíveis, onde professores vestiam personagens e contracenavam contra si mesmos, enquanto o tempo escorria pelo ralo.

Eu passei três anos remando contra aquela maré. Cheguei ao absurdo de doar o meu próprio tempo e comprar materiais com dinheiro do meu bolso para fazer as coisas andarem, apenas para sentir as correntes da burocracia me puxarem de volta para o fundo. Cansado das perseguições veladas e de ter a minha inteligência subestimada, a fúria da minha

adolescência despertou. Desta vez, no entanto, ela não era um fogo descontrolado; era afiada, letal e documentada.

Sentei-me e escrevi uma carta-manifesto. Usei Confúcio para fundamentar a ética e lancei Albert Einstein na cara do sistema burocrático: *“A imaginação é mais importante que a ciência, porque a ciência é limitada.”* Eu me recusei a continuar vivendo de descrença, dormindo na rede da varanda com o pessimismo servindo de travesseiro. Exigi, em letras garrafais, o meu direito inalienável de ser útil. Escrevi que não aceitava mais apenas conjugar o verbo “Viver”; eu queria provocar, redescobrir. A minha exigência era clara: *“Quero verdadeiramente ENGENHAR e ter a oportunidade de APLICAR!”*

Foi ali, no momento em que assinei aquela carta de transferência ancorado na citação magistral de Isaac Asimov — *“O maior bem de um homem é uma mente inquieta”* —, que o cordão umbilical com a mediocridade foi cortado de vez. Eu estava me jogando em um precipício acadêmico, mas, pela primeira vez na vida, tinha a certeza absoluta de que as minhas engrenagens sabiam voar.

CAPÍTULO 9

O Mundo Pausa, a Mente Acelera

E então, o invisível derrubou a humanidade. A pandemia da COVID-19 varreu o globo, trancando o planeta inteiro dentro de casa. Para uma mente como a minha, que precisava de movimento constante e ar puro para não entrar em colapso, a imposição do Ensino a Distância (EAD) e o isolamento forçado soavam como uma sentença de morte. O terror da falta de interação social me consumiu; o meu maior medo era ser esquecido no processo, isolado para sempre atrás da frieza de uma tela de computador.

Contudo, o instinto de sobrevivência é implacável. Mesmo sem dominar plataformas como o Moodle ou entender a fundo o conceito de Ensino Híbrido, decidi não recuar. Abracei o abismo. E, para a minha absoluta surpresa, o abismo me serviu como uma luva.

Enquanto a imensa maioria dos alunos entrava em pânico com a desorganização, a minha mente adaptativa encontrou, no caos digital, o seu ritmo perfeito. Livre das distrações físicas da sala de aula, dos deslocamentos lentos e da rigidez dos horários convencionais, assumi a gestão soberana do meu próprio tempo. Fóruns, diálogos, videoaulas, listas de exercícios: o modelo remoto trouxe uma flexibilidade tão absurda que me permitiu, simultaneamente, manter a excelência acadêmica e escalar os projetos da minha futu-

ra empresa. A EAD me entregou o controle que nenhum colégio regular jamais havia permitido: o poder de acelerar ou pausar o mundo conforme a minha própria frequência neurológica.

Absorvendo a potência monumental daquele novo formato, redigi um e-mail cirúrgico para a coordenação do curso. Desmistifiquei o preconceito generalizado contra o ensino híbrido e ofereci uma visão técnica sobre a eficiência do processo de aprendizagem remota.

No dia 27 de outubro de 2021, a resposta da Coordenação de Agronomia piscou na minha tela: *“Isaac, boa noite. Partilho da sua visão e da experiência vivida nesses tempos de pandemia... Continue dialogando e colaborando com as melhorias do curso.”*

Sorri sozinho diante do monitor. A roda finalmente havia completado o giro. Na minha infância, eu sangrava para tentar entender as regras de um sistema escolar que não me suportava. Agora, era a minha visão que ajudava a redigir o novo manual. A tormenta havia passado; era chegada a hora de edificar.

CAPÍTULO 10

A Virada de Chave

O destino tinha um endereço certo para mim: a Engenharia Agrônoma na FANEB. Foi lá, longe da soberba, que a teoria — antes pálida e engessada em um quadro branco — finalmente encontrou a terra suja, a semente e o pulsar da vida real.

Naquele ambiente, a arrogância cedeu espaço para as pessoas do interior, gente com as botas fincadas na realidade. Pela primeira vez em um ambiente acadêmico, eu fui genuinamente ouvido. Mas a verdadeira revolução não brotou apenas das plantas; ela explodiu na minha mente. A vida colocou Jaldemir, o psicanalista, diretamente no meu caminho. Ele possuía a chave-mestra que os médicos e professores da minha juventude nunca conseguiram forjar: ele sabia, com maestria, lidar com mentes neurodivergentes.

Nas mãos de Jaldemir, o fardo do “menino maluquinho” foi desintegrado. Eu não era mais um diagnóstico ambulante que precisava ser dopado ou contido; eu tinha um superpoder que implorava para ser canalizado. Ele me apresentou aos Mapas Mentais. A minha cabeça, que antes atirava pensamentos caóticos em mil direções simultâneas, subitamente ganhou uma tela de pintura. Aprendi a ramificar ideias, estruturar o fluxo e visualizar o caos, transformando a hiperatividade em pura genialidade técnica.

O teste de fogo para esse “novo Isaac” não tardou a chegar. Um professor de biologia, que também era docente de enfermagem, teve a audácia de me reprovar com base em uma avaliação que considerei rasa e superficial. O garoto explosivo do passado teria rasgado a prova, engolido a nota ou quebrado as cadeiras da sala em um ataque de fúria. O Isaac forjado na autoconsciência fez diferente: entrei com um recurso oficial, estritamente dentro das regras, e desafiei o professor para uma prova oral diante de uma banca.

Quando me sentei diante deles, eu não me limitei a responder perguntas. Eu expus a minha visão da biologia visceralmente enraizada no cenário agrônomo. Eu dei uma aula. Todas as questões foram minuciosamente reavaliadas, a injustiça foi sumariamente derrubada e, no ápice daquele épico embate acadêmico, Jaldemir me coroou com a frase que tatuou a minha alma profissional para sempre: *“Mais importante que a nota, é o aprendizado.”*

Eu estava definitivamente pronto. O meu motor estava ajustado, a bússola apontava para o norte e as ferramentas estavam nas minhas mãos. O único detalhe era que, para o meu império nascer, o mundo teria que tentar me acompanhar.

ATO IV:

Engenhar e Aplicar

CAPÍTULO 11

A Semente Universitária e a Voz do Ratinho

A burocracia acadêmica sempre tentou ser uma adversária formidável, mas eu nunca fui do tipo que se encolhe pelos cantos para reclamar do sistema. Se a estrutura apresentava falhas, a minha estratégia era cirúrgica: eu extrairia cada gota da infraestrutura disponível para testar os limites do meu próprio motor interno. O Departamento de Engenharia Agrícola da UFS não era apenas uma faculdade; tornou-se o meu verdadeiro laboratório de testes em escala real.

A sensação que eu impunha a mim mesmo era a de estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Assumi o papel de Representante Discente com uma fome que beirava a obsessão. Esse ritmo frenético, de quem operava em uma marcha muito acima do aceitável, capturou o olhar do Professor Elder, coordenador do curso. Em vez de tentar frear a minha hiperatividade, ele decidiu injetar mais combustível. Tornei-me seu braço direito, e juntos erguemos o XXVIII Congresso Nacional dos Estudantes de Engenharia Agrícola (CONEEAGRI), uma imersão tão profunda que me levou a defender o projeto diante dos microfones da Rádio UFS.

Mas a minha inquietude era indomável e não respeitava as fronteiras de uma única disciplina. Em um momento, eu estava no Laboratório de Topografia Aplicada (LABTOP), mapeando o asfalto quente de Aracaju para o Plano de Sa-

neamento Básico. Horas depois, mergulhava nos assentamentos rurais de Estância, desenhando plantas de piscicultura voltadas para a agricultura familiar. Na pesquisa, a voz do semiárido clamava pelas minhas raízes. Fui estudar o umbuzeiro, germinando sementes que passavam pelo trato digestivo bovino, o que gerou um cruzamento inusitado de saberes: em parceria com a Nutrição da Unit, transformamos a casca do umbu em uma barra de cereais natural, e ajudei a forjar um banco de sementes crioulas para blindar o patrimônio genético dos pequenos agricultores.

Percebendo que a terra precisava falar o idioma dos algoritmos, minha mente hiper conectada avançou para a tecnologia. Fui peça fundamental na criação do *FertmilhoSE*, um aplicativo mobile de recomendação de adubação. Mais tarde, desafiando a descrença de muitos e sem bolsa de estudos, desenvolvi um sistema de administração de atividades agrícolas. Quando subi ao palco em novembro de 2017 para receber o 3º lugar na área de Ciências Agrárias durante o IX Encontro de Iniciação Científica, o reconhecimento coroou aquelas noites em claro.

Ainda assim, o cérebro pedia mais. Acabei me tornando o designer extraoficial da universidade, desenhando logomarcas, e fui eleito o primeiro presidente da Empresa Júnior de Engenharia Agrícola. Eu havia me transformado em uma máquina ininterrupta de produzir ciência e arte.

Mas havia um homem capaz de enxergar através de toda aquela cortina de fumaça acadêmica. O professor Jailson

Lara, o “Ratinho”, acompanhava a minha agitação constante. Um dia, ele me interceptou. Olhou fundo nos meus olhos, quebrando qualquer protocolo, e disparou: — *Saia da universidade. Essa vida de pesquisador não é para você. Abra a sua empresa e voe alto. Você tem um futuro brilhante.*

Aquilo acabou com a minha paz. Sempre que ele me avisava de longe no estacionamento, não havia “bom dia”. Ele gritava: “*Já abriu a empresa? Você está perdendo tempo!*”. As marteladas do Ratinho estilhaçaram a minha dormência. O CNPJ precisava nascer do meu caos criativo. Mas para que a genialidade não me engolissem, eu precisava de uma força organizadora absoluta. O destino já havia preparado a pessoa certa para assumir os controles.

CAPÍTULO 12

A Contadora e as Metamorfoses da Abalizado

A agronomia me ensinou a mais poética das verdades: uma semente pode passar anos em estado de profunda dormência no escuro absoluto da terra, esperando apenas a combinação exata de água e luz para explodir em vida. O amor obedece rigorosamente à mesma biologia.

Muito antes das madrugadas filosóficas e dos laboratórios, o meu coração já havia sido ancorado. Eu fui perdidamente apaixonado por Lara quando ela tinha apenas quinze anos. Éramos muito jovens, a vida girou e nos distanciou, mas eu a guardei numa gaveta intocável da minha memória. Em 2016, o maior de todos os engenheiros — o destino — cruzou as nossas rotas novamente. Aquela menina era agora uma mulher fascinante, que ostentava orgulhosamente mais livros do que sapatos. E o mais providencial para o turbilhão que me habitava: ela era uma contadora formada.

Com o amor e a contabilidade unindo forças, a profecia do professor Ratinho rasgou o papel. No dia 04 de maio de 2017, sustentado pelo trabalho impecável de Lara, o meu primeiro CNPJ ganhou vida: ISAAC FELICIO DE SANTANA ME.

Qualquer empresário iniciante estacionaria aí para respirar. Mas não uma mente neurodivergente. Quatro meses depois, bati na porta da Lara. O nome parecia pequeno; o es-

copo, estreito. Em 05 de setembro, a empresa mutacionou para ABALIZADO SOLUCOES EM ENGENHARIA. Treze dias depois, a insatisfação atacou de novo. A Iara, respirando fundo e administrando o meu caos com precisão cirúrgica, alterou a junta comercial mais uma vez. Nascia a definitiva ABALIZADO DESENVOLVIMENTO E EXECUCAO DE PROJETOS.

No ano seguinte, os CNAEs mudavam conforme as minhas ambições se multiplicavam. Adicionávamos serviços como quem afina os instrumentos de uma orquestra antes do grande espetáculo. Até que, em dezembro de 2018, a Abalizado se dividiu perfeitamente em duas forças motrizes: a Matriz para prestação de serviços, e a Filial para o comércio.

Somente uma mulher com a envergadura emocional e técnica de Iara suportaria pilotar essa montanha-russa burocrática. A Abalizado era, afinal, a extensão do meu próprio cérebro: rápida, adaptável e projetada para resolver problemas complexos. Quando a estrutura final se assentou, eu olhei para o império recém-nascido e soube que a tempestade da minha juventude havia, finalmente, encontrado o seu propósito. A máquina estava operante. Agora era o momento de ir a campo, coordenar projetos pesados, garantir que os revestimentos de 6 polegadas descessem perfeitamente pela terra, fixar os tubos cegos acima dos 170 metros e permitir que os pré-filtros fizessem a água jorrar limpa das profundezas do chão. O Menino Maluquinho havia se tornado o engenheiro das águas e das soluções.

EPÍLOGO:

O Capitão da Minha Alma

A gratidão é a memória mais nobre do coração. Ao chegar ao fim desta jornada de tinta e papel, sinto que as margens finalmente transbordaram. Escrever este livro foi uma odisseia de regresso a mim mesmo, uma travessia turbulenta que não cruzei sozinho. Agradeço imensamente às sessões psicanalíticas com o amigo Jaldemir, que me permitiram destravar a fechadura do passado, abraçar o “Menino Maluquinho” e deixá-lo correr livre por estas páginas.

Para muitos, o refúgio é um pedaço de terra; para mim, o porto seguro sempre foi o papel em branco. Na escrita, a minha mente que se recusa a desligar encontrou a âncora necessária para não flutuar para longe de mim. Reconheço, sem meias palavras, que fui intenso demais, abstrato, talvez até inconsequente em algumas reações perante a vida. Mas registrar as memórias me forçou a entender quem eu era em cada milissegundo.

O poeta inglês William Ernest Henley, resistindo à amputação e à doença, eternizou em 1875 os versos de *Invictus*, que tomei como um mantra inegociável: “Sou o senhor do meu destino / Sou o capitão da minha alma.” A minha biologia testou essa máxima à exaustão. Fui cercado por alergias severas e, aos 14 anos, sofri um infarto seguido de uma parada cardiorrespiratória. O meu coração desligou,

mas o milagre da vida me forçou a reiniciar. Nada, absolutamente nada, me impediu de devorar os dias.

Como a minha mãe sentenciou com a dureza sábia do sertão: *“Viver é escrever a lápis, mas sem ter o direito de usar a borracha.”* O passado já está gravado. A vida não espera que o seu cérebro desacelere; ela é forjada no presente.

O meu avô Josa, nascido em 1916 e filho da primeira esposa da família — uma origem da qual nutro o mais profundo orgulho —, costumava dizer que um homem precisava plantar uma árvore, ter filhos e escrever coisas que valham a pena ler. A vida brincou com a ordem das coisas. Antes do futuro, a minha mente inquieta precisava vasculhar o passado. Entendi que precisava saber de que pó eu era feito para decidir que caminho trilhar. É por isso que esta obra não é um ponto final, mas reticências. As raízes dos Camilo e dos Felício ganharão voz na minha próxima obra: *De Pó, Sangue e Palavra: A formação de um legado familiar comprovado pela ciência e guardado no coração do sertão.*

E então, o milagre se fez completo. Quando soube que a minha esposa Lara estava grávida do nosso primogênito, Ian, uma força visceral me tomou. Não mais para curar as feridas do ontem, mas para aplainar o terreno do amanhã. Mergulhei no meu próximo testamento de amor: *A Ilha Vista de Fora – Uma viagem de regresso a mim mesmo para acolher o meu filho.*

Se a caneta me aliviou, foi a fé intransigente em Deus que me impediu de sofrer o curto-circuito final. Abracei a máxima de Gandhi: “*A fé não é algo para se entender, é um estado para se transformar*”, e me entreguei ao que canta o Padre Fábio de Melo na música: Nas Asas do Senhor. Quando a Bíblia relata, em Mateus 17:20, que uma fé do tamanho de um grão de mostarda move montanhas, não é metáfora; é engenharia divina. Nunca permita que te rotulem como incapaz, da mesma forma que o garoto da lagoa salvou o amigo pesado simplesmente porque ninguém estava lá para dizer que ele não conseguiria.

O impossível, para mim, foi e sempre será apenas uma questão de perspectiva.

Se você convive com fobias, medos ou uma angústia que faz o seu peito apertar na madrugada, saiba que o seu caos pode ser organizado. Guarde estas certezas consigo: Quando o céu chora, a natureza brota em alegria. Grandes tempestades apenas anunciam os mais belos amanheceres, e quanto mais brutal for o temporal, mais glorioso será o sol.

O tempo desbota as cores e enrugando a pele, como advertia Paulo Coelho, mas é incapaz de apagar aqueles que transformam instantes em eternidade. Não seja o *Homo sapiens* desperdiçando a sua *sapientia*. O joio e o trigo nascem juntos na colheita eles são separados, o que você planta hoje, indiscutivelmente, será o seu pão de amanhã.

Que a sua mente seja, sempre e incondicionalmente, o seu maior patrimônio, e jamais a sua cela.

Um forte abraço,
e nos encontramos
no nosso próximo livro.

